

M

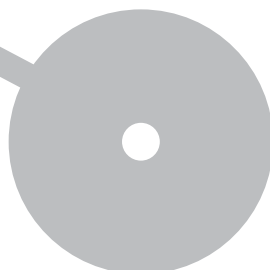
MESTRADO

MESTRADO EM CINEMA E FOTOGRAFIA
ESPECIALIDADE EM CINEMA DOCUMENTAL E EXPERIMENTAL

Transformações Sociais e o Simbolismo do Beijo: a realização de *em silêncio, amor*

Sara Manuela de Matos da Cruz

[10/2024]



Politécnico do Porto
Escola Superior de Media, Artes e Design

Sara Manuela de Matos da Cruz

**Transformações Sociais e o Simbolismo do Beijo: a realização de *em silêncio,*
*amor***

Projeto Prático

**Mestrado em Cinema e Fotografia – Especialização em Cinema Documental e
Experimental**

Orientação: Prof. Doutor José Alberto da Cunha Monteiro Pinheiro

Coorientação: Prof. António Pedro Negrão Martins

Vila do Conde, Outubro de 2024

Sara Manuela de Matos da Cruz

Transformações Sociais e o Simbolismo do Beijo: a realização de *em silêncio, amor*

**Trabalho de Projeto
Mestrado em Cinema e Fotografia – Especialização em Cinema Documental e
Experimental**

Membros do Júri

Presidente

Prof. Rui Pedro Costa Rodrigues

Escola Superior de Media Artes e Design – Instituto Politécnico do Porto

Vogal - Orientador

Prof. Doutor José Alberto da Cunha Monteiro Pinheiro

Escola Superior de Media Artes e Design – Instituto Politécnico do Porto

Vogal - Arguente

Prof. José Nuno de Abreu Tudela de Almeida Dias

Escola Superior de Media Artes e Design – Instituto Politécnico do Porto

Love consists of this: two solitudes that meet, protect and greet each other.

Rainer Maria Rilke

Resumo Analítico

O presente ensaio aborda a liberdade, analisando a evolução da sociedade portuguesa entre as décadas de 60 e 80 até os dias atuais, com destaque para um ritual tradicional de casamentos portugueses dos anos 80: o ato de beijar, sinal de afeto e união. O projeto explora a tradição oral conhecida como “Beija, Beija.” dentro de casamentos tradicionais, investigando esta prática no casamento de Madalena Matos Fernandes e Luís Cruz, um exemplo representativo de rituais semelhantes realizados em Portugal. O estudo inicia-se com imagens de arquivo que mostram diversas pessoas beijando-se. O objetivo é investigar as razões desse ritual tão presente e expansivo àquela época, destacando o seu lado cômico, por vezes estranho e até libertador. Essas imagens são um ponto de partida para uma reflexão sobre a persistência do ritual e sua relevância atual, 40 anos depois. O documentário busca respostas para a vivacidade desse ritual de liberdade nos casamentos, observados publicamente. Além de fornecer respostas, o filme questiona a forma de vida e pensamento da população portuguesa educada entre 1960 e 1980, avaliando se e como essa perspectiva mudou ao longo do tempo. Por fim, o ensaio intitulado “O Simbolismo do Beijo nas Mudanças Sociais” será elaborado, explorando como o gesto do beijo refletiu as transformações sociais e a busca pela liberdade em Portugal.

Palavras-Chave: Resistência; Sociedade; Costumes; Rituais Afetivos e Beijo.

Abstract

The present essay deals with freedom, analyzing the evolution of Portuguese society between the 1960s and 1980s up to the present day, highlighting a traditional ritual of Portuguese weddings in the 1980s: the act of kissing, a sign of affection and union. The project explores the oral tradition known as "Kiss, Kiss." within traditional weddings, investigating this practice at the wedding of Madalena Matos Fernandes and Luís Cruz, a representative example of similar rituals carried out in Portugal. The study begins with archive images showing several people kissing. The aim is to investigate the reasons for this ritual being so present and widespread at the time, emphasizing its comic, sometimes strange and even liberating side. These images are a starting point for a reflection on the persistence of the ritual and its relevance today, 40 years later. The documentary seeks answers as to why this ritual of freedom in marriages, which is publicly observed, is still alive. As well as providing answers, the film questions the way of life and thinking of the Portuguese population educated between 1960 and 1980, assessing whether and how this perspective has changed over time. Finally, the essay entitled "The Symbolism of Kissing in Social Change" will be prepared, exploring how the gesture of kissing reflected social transformations and the search for freedom in Portugal.

Key-Words: Resistance; Society; Customs; Affective Rituals and Kiss.

Sumário

Resumo Analítico.....	5
Abstract.....	7
Lista de Figuras.....	11
Introdução	13
Estado de Arte	16
Capítulo Um: A Semiótica do Beijo	22
1.1. Semiótica e Filosofia do Beijo, segundo Umberto Eco (1984)	22
1.2. O Papel da Revolução dos Cravos no Documentário: Bom Povo Português (1980) de Rui Simões	23
1.3. O Beijo como Expressão de Liberdade, analisando as Fotografias: V-J Day in Times Square (1945) de Alfred Eisenstaedt e The Kiss at the Hotel de Ville (1950) de Robert Doisneau.....	25
Capítulo Dois: Perspetiva Holística do Beijo no Cinema.....	29
Capítulo Três: O Beijo como Expressão no Cinema.....	33
Capítulo Quatro: Estudos de Caso.....	39
4.1. Reflexão Crítica sobre a Cena Final – “Os Beijos Proibidos” – em “Cinema Paradiso” (1988) de Giuseppe Tornatore	39
4.2. Reflexão Crítica sobre a citação: “Agora só nos falta uma revolução moral e cultural.” por Sophia de Mello Breyner Andresen	42
4.3. Reflexão Crítica sobre o Papel Feminino da Realização no Cinema: “Capitães de Abril” (2000) de Maria Medeiros	44
Conclusão	47
Referências Bibliográficas	50
Referências Filmográficas	54
Anexos.....	56
Anexo A – Artigo: “Satire, Erasure and Deadly Love: The story behind the Berlin Wall’s Fraternal Kiss	57
Anexo B – Artigo: “Why Do We Kiss at Midnight on New Year’s Eve?”	58
Anexo C – Artigo: “Klimt’s Iconic “Kiss” Sparked a Sexual Revolution in Art”	59
Anexo D – Artigo: “Say it with a kiss! The 20 greatest smooches on film – ranked!”	60
Anexo E – Artigo: “From pecks to smooches: the five kisses that changed cinema forever”	61
Anexo F – Artigo: “The Dip, the Foot Pop, and the Selfie Smooch”	62
Anexo G – Stills do documentário em silêncio, amor.	63
Anexo H – Pautas da composição da banda sonora, pelo artista Alexandre Pedroso.	69
Anexo I – Poster do filme em silêncio, amor, pelo artista Tomás Saúde com colaboração de Sara Matos Cruz	70

Lista de Figuras

Figura 1 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.....	14
Figura 2 - Stills do filme “Cinema Paradiso”, 1988, de Giuseppe Tornatore.....	14
Figura 3 - Still do filme “Bom Povo Português”, 1980, de Rui Simões.....	23
Figura 4 - Still do filme “Bom Povo Português”, 1980, de Rui Simões.....	24
Figura 5 - Fotografia “V-J Day in Times Square”, 1945, de Alfred Eisenstaedt.....	25
Figura 6 - Fotografia “The Kiss at the Hotel de Ville”, 1950, de Robert Doisneau.....	27
Figura 7 - Still do filme “In The Mood For Love”, 2000, de Wong Kar-Wai.....	33
Figura 8 - Still do filme “In The Mood For Love”, 2000, de Wong Kar-Wai.....	33
Figura 9 - Still do filme “In The Mood For Love”, 2000, de Wong Kar-Wai.....	34
Figura 10 - Still do filme “Cinema Paradiso”, 1988, de Giuseppe Tornatore.....	35
Figura 11 - Still do filme “Cinema Paradiso”, 1988, de Giuseppe Tornatore.....	35
Figura 12 - Still do filme “Moonlight”, 2016, de Barry Jenkins.....	37
Figura 13 - Still do filme “Beauty”, 2022, de Andrew Dosunmu.....	38
Figura 14 - Still do filme “Beauty”, 2022, de Andrew Dosunmu.....	38
Figura 15 - Still do filme “Cinema Paradiso”, 1988, de Giuseppe Tornatore.....	41
Figura 16 - Still do filme “Cinema Paradiso”, 1988, de Giuseppe Tornatore.....	41
Figura 17 - Still do filme “Sophia de Mello Breyner Andresen”, 1969, de João César Monteiro.....	43
Figura 18 - Still do filme “Sophia de Mello Breyner Andresen”, 1969, de João César Monteiro.....	43
Figura 19 - Still do filme “Capitães de Abril”, 2000, de Maria Medeiros.....	45
Figura 20 - Still do filme “Capitães de Abril”, 2000, de Maria Medeiros.....	46
Figura 21 - Fotografia do Beijo Fraternal Socialista, “Le Baiser”, 1979, de Regis Bossu. Fotografia via Rare Historical Photos.....	57
Figura 22 - Bettymann. Fotografia via Getty Images.....	58
Figura 23 - Pintura, “Kiss”, 1907, de Gustav Klimt. Pintura via Belvedere Museum.....	59
Figura 24 - Joseph Schildkraut como Judas e HB Warner como Jesus no Still do filme “The King of Kings”, 1927, de Cecil B. DeMille.....	60
Figura 25 - Imagem, Far Out. Imagem via Boston Public Library.....	61
Figura 26 - Myrna Loy inclina a sua cabeça para trás para um beijo com Clack Gable no Still do filme “Manhattan Melodrama”, 1934, de W.S. Van Dyke.....	62
Figura 27 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.....	63
Figura 28 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.....	63
Figura 29 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.....	64
Figura 30 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.....	64
Figura 31 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.....	65
Figura 32 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.....	65
Figura 33 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.....	66
Figura 34 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.....	66
Figura 35 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.....	67
Figura 36 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.....	67
Figura 37 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.....	68
Figura 38 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.....	68
Figura 39 - Pauta da composição da banda sonora, “Relembrar Pt. 2”, 2024, de Alexandre Pedroso.....	69
Figura 40 - Pauta da composição da banda sonora, “Relembrar” de Alexandre Pedroso.....	69
Figura 41 - Pauta da composição da banda sonora, “Voz do Beijo”, 2024, de Alexandre Pedroso.....	69
Figura 42 - Poster do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.....	70

Introdução

O presente ensaio começa por apresentar um enquadramento teórico, seguindo-se a apresentação da contextualização e desenvolvimento do projeto prático. No decorrer do estudo explora o papel do beijo como um gesto universal de afeto e conexão. Aborda a perspetiva de Umberto Eco sobre a semiótica e filosofia do beijo, analisa como o beijo foi retratado no documentário Simões, R. (1980). *Bom Povo Português* [Filme], em relação à Revolução dos Cravos em Portugal. Além disso, explora o beijo como símbolo de liberdade em fotografias famosas, como Eisenstaedt, A. (1945). *V-J Day in Times Square* [Fotografia] e Doisneau, R. (1950). *The Kiss at the Hotel de Ville* [Fotografia].

O enquadramento teórico discute igualmente o beijo no contexto do cinema, abordando sua história, desafios de censura, papel na narrativa e impacto cultural e social. Inclui uma análise de filmes que exploram diferentes abordagens do beijo, como sua ausência, proibição, afirmação e liberdade. Além disso, examina estudos de caso em literatura e cinema, destacando como o beijo é usado como elemento simbólico e narrativo para explorar temas como identidade e revolução. O objetivo principal deste estudo é revelar os múltiplos significados e interpretações associados ao beijo, nas diversas formas de arte, demonstrando como este afirma uma linguagem universal para expressar emoções e ideias profundas. Este projeto não é apenas uma viagem visual pelos anos 60, 70 e 80, mas uma exploração das transformações sociais e culturais que moldaram a sociedade portuguesa ao longo dessas décadas. O estudo tende a ser uma jornada emocional na compreensão da liberdade e do impacto nas transformações culturais. São discutidos os principais elementos do projeto, a relevância, a abordagem cinematográfica, os métodos de pesquisa e a importância de registar e capturar esse aspeto único da cultura portuguesa.

Com o documentário, pretende-se explorar a transformação da sociedade portuguesa após décadas de autoritarismo e ditadura. A liberdade conquistada nesse período é representada e celebrada através do ato de beijar. Este é mais do que um gesto simples; é um símbolo de afeto, união e da capacidade de amar livremente e sem censura. A realização deste filme iniciou-se com uma extensa fase de pesquisa, imersa em arquivos de fotografia e vídeo, documentos históricos, entrevistas e testemunhos

personais. A busca por imagens de casamentos, beijos e afetos ao longo das décadas foi fundamental para estruturar a narrativa do documentário. Paralelamente à elaboração do enquadramento teórico, foi iniciado o processo de investigação e pré-produção do filme documental. Com base nos registos da RTP Arquivos, foram realizadas pesquisas para traçar a linha narrativa e conduzir a mensagem pretendida. Após triagem, foram selecionados 13 conteúdos cinematográficos para os blocos narrativos do documentário.

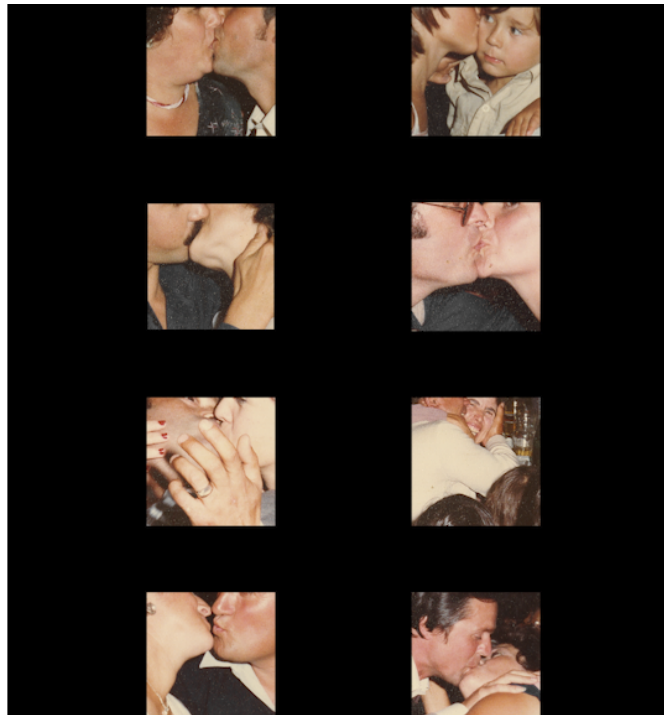


Figura 1 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.



Figura 2 - Stills do filme “Cinema Paradiso”, 1988, de Giuseppe Tornatore.

A motivação para explorar este tema surgiu da descoberta de um arquivo fotográfico pessoal que continha um conjunto de imagens denominadas de "provas" do casamento dos pais da realizadora. Estas provas são as imagens impressas e numeradas pelo fotógrafo para que os convidados possam selecionar quais desejam levar para casa. A curiosidade despertada por 35 imagens de beijos contínuos nessas provas conduziu à exploração do tema. A pesquisa teórica inspirou-se em artistas, fotógrafos, filmes e arquivos, o que complementou a investigação durante a fase de pós-produção das imagens. O filme adota uma abordagem multifacetada para contar esta história, utilizando material de arquivo, reconstruções históricas, excertos de cenas de casamentos e imagens do arquivo pessoal de modo a oferecer uma visão completa e envolvente. A narrativa é conduzida por histórias pessoais de casais, com o amor servindo como fio condutor que liga essas experiências. Inspirada na música Freire, M. (1970). *Pedra Filosofal* [Música], a sonoplastia desempenha um papel crucial na criação da atmosfera deste documentário que transmite a evolução emocional de cada bloco narrativo.

Atualmente, o beijo não é visto da mesma forma que nos anos 80. Contextualizando ainda mais com a pandemia de Covid-19, o beijo e o toque voltaram a ganhar valor semelhante ao do passado. Nesse sentido, este projeto prático, visa transmitir uma mensagem universal sobre a importância da liberdade, destacando como um simples gesto pode tornar-se um símbolo tão poderoso. Pretende ainda promover discussões sobre a história e a sociedade, usando o amor como fio condutor numa jornada para compreender a sua representação simbólica. Dentro deste contexto, o estudo realiza uma análise abrangente do simbolismo do beijo e sua interconexão com as transformações sociais. Perante esta investigação, estabelece-se uma base que permite a passagem para o projeto prático.

Estado de Arte

Em primeiro lugar, após o encontro com o arquivo pessoal do casamento de Madalena Matos Fernandes e Luís Cruz, o trajeto desenhado passava por alinhar os pensamentos e afunilar não só o tema, como a mensagem que se pretendia passar. Para tal, explorou-se alguns projetos que serviram de mote, através da compreensão das motivações por detrás destes, tais como: Sauvin, T. (n.d.). *Until Death Do Us Part* [Projeto fotográfico], Caruana, N. (2010). *Fairytale For Sale* [Projeto fotográfico], Rennó, R. (2005). *Núptias* [Projeto fotográfico] e por fim, Kessels, E. (2010). *Album Beauty* [Projeto fotográfico]. Após entrar no tema: casamento e as suas variantes, o objetivo centrou-se em perceber como pulsava a sociedade portuguesa nos meados dos anos 60. Ainda aqui, na semiótica do beijo e panóplia que existe sobre esta temática, foram encontradas duas das fotografias mais icónicas no universo da libertação, nomeadamente, Eisenstaedt, A. (1945). *V-J Day in Times Square* [Fotografia] e Doisneau, R. (1950). *The Kiss at the Hotel de Ville* [Fotografia].

Ainda ligado ao contexto social político e mental, não é possível esquecer as represálias vividas durante o Estado Novo, onde um simples beijo era proibido, rotulado como um atentado ao pudor, à moral e aos bons costumes. Até à Revolução de 1974 imperava este tipo de comportamento e, por essa razão, esta questão encontra-se explorada em diversos documentários, testemunhos e filmes que abordam o pós 25 de Abril, nomeadamente, o filme Simões, R. (1980). *Bom Povo Português* [Filme]. Como acontecia a iconografia do beijo? Uma encenação para a máquina fotográfica, ou genuínos atos de amor? A consulta do referido arquivo/álbum fotográfico poderá dar uma resposta mais detalhada. De qualquer forma, impera a questão: qual a similitude e o verdadeiro significado do ato de beijar em 1980? E qual a comparação com o que acontece nos nossos dias? Será que é o mesmo em 2024? Se não, quais os aspetos que distinguem estes significados e quais os seus impactos nestas duas sociedades? Com este ensaio espera-se contribuir para o desvendar de respostas a estas questões.

Os documentários desempenham um papel crucial na transmissão da história através de materiais audiovisuais. Esses filmes não relatam apenas acontecimentos históricos, mas contextualizam também situações, proporcionando uma compreensão mais aprofundada do passado. A utilização de imagens e sons autênticos da época permite que os documentários imerjam o público na atmosfera e nos eventos históricos,

facilitando uma experiência que simula a vivência em primeira mão. Diferentemente de outras formas de narrativa histórica, os documentários são capazes de capturar a autenticidade dos eventos, fornecendo evidências visuais e auditivas que evocam emoções genuínas e transmitem a complexidade das experiências passadas. Além disso, ao coletar e reinterpretar materiais de arquivo, os cineastas têm a oportunidade de destacar perspectivas históricas menos conhecidas ou esquecidas, oferecendo uma visão mais abrangente e detalhada do passado. A capacidade, deste gênero de filmes, em combinar evidências empíricas com uma narrativa envolvente torna-os ferramentas poderosas para a educação e a preservação da memória histórica. Desta forma, proporcionam uma contribuição significativa para a construção de um entendimento mais completo e matizado dos eventos e contextos históricos. Contudo, é importante reconhecer que a utilização de material de arquivo em documentários também apresenta desafios. A manipulação ou edição seletiva de imagens pode distorcer a verdade histórica e levantar questões sobre a objetividade e autenticidade da narrativa apresentada. Portanto, os cineastas devem ter cuidado ao selecionar e editar materiais de arquivo para garantir que sejam usados de forma ética e responsável, a fim de preservar a integridade histórica. Nesse sentido, os documentários desempenham um papel importante na transmissão da história através de materiais de arquivo audiovisuais. Ao fornecer uma perspectiva visual e auditiva sobre acontecimentos passados, estes tipos de filmes enriquecem a compreensão da história e permitem uma conexão mais profunda com o passado.

Segundo Nichols (2017), este gênero cinematográfico não reconstitui apenas eventos passados, mas também oferece uma janela para a compreensão das nuances e complexidades de épocas específicas. A partir do uso de arquivos audiovisuais, o cinema documental transforma-se em um meio poderoso para narrar histórias que moldaram o presente, resgatando memórias e proporcionando uma análise crítica de diversos momentos históricos. O uso de material de arquivo audiovisual no cinema documental confere uma autenticidade e credibilidade ímpares às narrativas apresentadas. Renov (1993) destaca que esses registros fornecem uma visão direta dos acontecimentos, capturando-os de maneira genuína e sem a interferência das interpretações retrospectivas. A presença de imagens, vídeos e sons originais cria uma conexão emocional mais forte com o público, permitindo uma imersão mais profunda na

realidade histórica. Essa autenticidade é essencial para que o espectador possa confiar na veracidade dos eventos narrados. Entretanto, a simples utilização de arquivos não garante uma compreensão completa ou precisa dos eventos. Como Bruzzi (2006) salienta a forma como esses materiais são selecionados, editados e apresentados é crucial. O cinema documental deve ir além da mera exposição dos arquivos, oferecendo uma contextualização que ajude o espectador a entender o significado e as implicações daqueles momentos históricos. Nesse contexto, o papel do documentarista é fundamental: ele atua como um intérprete que organiza e analisa os dados visuais, criando uma narrativa coerente e crítica. Este processo exige uma análise cuidadosa, que considere tanto o contexto original das imagens quanto a forma como serão recebidas no presente. Um dos maiores desafios e benefícios do uso de material de arquivo no cinema documental é a possibilidade de explorar múltiplas narrativas e perspectivas. Plantinga (2010) observa que arquivos audiovisuais podem revelar diferentes ângulos de um mesmo evento, permitindo uma compreensão mais rica e complexa da história. Por exemplo, um evento histórico pode ser revisitado através de filmes institucionais, reportagens de época, gravações amadoras e outros registros, cada um oferecendo uma visão única. Esta multiplicidade de fontes desafia narrativas simplistas e hegemônicas, promovendo uma visão mais inclusiva e diversificada da história. Apesar das vantagens, é importante reconhecer as limitações e os riscos associados ao uso de material de arquivo. Como destaca Ellis (2005), arquivos audiovisuais podem ser incompletos, parciais ou tendenciosos, refletindo as visões e interesses daqueles que os produziram originalmente. Além disso, a edição e manipulação desses materiais podem distorcer a verdade, criando narrativas enganosas ou sensacionalistas. O cinema documental, ao utilizar arquivos audiovisuais, desempenha também um papel crucial na preservação da memória coletiva. Esses filmes funcionam como arquivos vivos, garantindo que eventos importantes e suas lições não sejam esquecidos (Aufderheide, 2007). Além disso, são ferramentas poderosas para a educação, proporcionando recursos valiosos para o ensino da história e promovendo uma compreensão crítica do passado. Através do cinema documental, as novas gerações podem ter acesso e refletir sobre eventos que moldaram o mundo em que vivem. Quando ancorado em material de arquivo audiovisual, tem o potencial de transformar a compreensão da história. Ao preservar e interpretar a memória coletiva, o cinema documental não permite apenas uma conexão ao passado,

como também ajuda a entender melhor o presente e imaginar um futuro mais informado e consciente.

O dia 10 de março de 2024 representa um momento de profunda reflexão para Portugal. Durante um discurso que alegadamente simbolizava o progresso e a flexibilidade da democracia, o anúncio de que o regime, denominado popularmente de forças de extrema-direita, encontrou voz no parlamento e serviu como sinal de alerta. Este evento ocorreu poucas semanas antes do 50º aniversário do 25 de abril de 2024. Um marco que assinala a libertação do país do regime fascista e o nascimento de uma democracia dinâmica. Como destaca Cas Mudde (2019), a inclusão de partidos de extrema-direita nas instituições democráticas pode enfraquecer as fundações democráticas, pois estes grupos frequentemente minam os valores democráticos essenciais. Este fenómeno obriga a sociedade a questionar a força das instituições democráticas e a saúde do tecido social de Portugal. Segundo Runciman (2018), a capacidade de um governo democrático de conter movimentos extremistas depende da robustez das suas instituições e da vigilância contínua da sociedade civil. A reemergência de ideologias fascistas no centro do Estado de direito português pode indicar falhas nas estratégias de educação política e na preservação da memória histórica. Como argumenta Stanley (2018), a falta de conhecimento histórico e social pode contribuir para a ascensão de políticas autoritárias, pois as novas gerações podem não estar suficientemente alertadas para os perigos que essas ideologias representam. Este não é apenas um desafio político; é também um indicador de deficiências na memória coletiva e na educação cívica. De acordo com Huyssen (2003), a memória histórica desempenha um papel crucial na formação das identidades nacionais e na prevenção de repetição dos erros do passado. A aparição de forças fascistas no parlamento sugere que a sociedade portuguesa precisa reforçar os seus esforços para educar os seus cidadãos sobre a importância da democracia e os perigos do totalitarismo. O surgimento de ideologias fascistas no parlamento português, especialmente à beira do 50º aniversário da Revolução dos Cravos, destaca a necessidade de uma reflexão profunda sobre o estado da democracia em Portugal. A integração de tais ideologias nas estruturas democráticas desafia a resiliência das instituições e aponta para uma necessidade urgente de fortalecer a memória histórica e a educação cívica, de modo a proteger o futuro democrático do país. A Revolução dos Cravos não é apenas um acontecimento passado. Esta é a vitória

da liberdade sobre a opressão e da justiça sobre a tirania. Ao celebrar o seu 50º aniversário, não devemos apenas recordar os feitos dos heróis de Abril, mas também renovar o nosso compromisso com os valores que eles defenderam. A ascensão das forças fascistas significa que a memória do Estado Novo e os seus resultados não serão transmitidos às novas gerações. Reforçar o conhecimento da história portuguesa é importante para que os jovens compreendam a importância da democracia e os perigos do autoritarismo. A liberdade conquistada em abril de 1974 não foi uma dádiva permanente. Isto requer vigilância constante e participação ativa. A ascensão da ideologia fascista destaca a fragilidade da liberdade e a necessidade constante de proteção contra ameaças autoritárias.

Fascismo, conforme definido por Stanley (2018), é uma ideologia que promove a supremacia de um grupo definido por critérios étnicos, nacionais ou raciais, sustentada por um estado autoritário e frequentemente recorrendo à violência para eliminar a oposição. Este conceito é reforçado por Paxton (2004), que argumenta que o fascismo envolve a mobilização de massas contra uma suposta decadência nacional, frequentemente através de práticas antidemocráticas e xenófobas. A proteção das instituições democráticas exige mais do que a mera aplicação da lei, é necessário um envolvimento ativo e informado dos cidadãos. Segundo Mudde (2019), a resiliência das democracias modernas depende da capacidade dos cidadãos de reconhecer e resistir a retóricas e práticas autoritárias. Esta vigilância cívica é fundamental para impedir que ideologias totalitárias ganhem terreno. O fortalecimento das instituições democráticas deve ser uma prioridade, o que envolve tanto a criação de políticas robustas quanto a promoção da educação cívica. Runciman (2018) enfatiza que a educação para a democracia deve ser contínua, capacitando os cidadãos a entender e valorizar os princípios democráticos. Além disso, Huysen (2003) destaca a importância da memória histórica na preservação da democracia, argumentando que o conhecimento do passado é crucial para evitar a repetição dos erros históricos. Para proteger a liberdade e a democracia, é essencial que as instituições democráticas sejam apoiadas não apenas por leis e políticas, mas também pela sabedoria e pelo envolvimento ativo dos cidadãos. Como observado por Norris (2017), a saúde de uma democracia encontra-se intrinsecamente ligada à participação ativa de uma sociedade civil bem-informada e

vigilante. Neste sentido, compreender e reconhecer o fascismo é crucial para a proteção das liberdades democráticas.

Na opinião da autora, os portugueses devem considerar-se uma parte vital do movimento democrático e compreender que o seu voto é uma ferramenta poderosa para resistir a qualquer forma de autoritarismo. A participação ativa na democracia é essencial para a proteção das liberdades civis. Como observa Norris (2011), a participação eleitoral é fundamental para a integridade democrática e para a resistência contra tendências autoritárias. À medida que o país se prepara para celebrar 50 anos de liberdade, é crucial refletir sobre o “presente” que se deseja oferecer ao país e às futuras gerações. Segundo Diamond (2015), a verdadeira contribuição para a democracia não reside apenas na celebração, mas na reafirmação dos princípios democráticos e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Esta reflexão deve servir como um impulso para renovar o compromisso com a liberdade e garantir que os sacrifícios do passado sejam honrados e preservados. O dia 10 de março de 2024 deve ser visto como um apelo à ação. Com a aproximação do meio século de democracia, é o momento de renovar o contrato social, reafirmar os valores democráticos e trabalhar diligentemente para impedir que o fascismo encontre espaço na sociedade. Como argumenta Levitsky e Ziblatt (2018), a manutenção da democracia depende do compromisso contínuo dos cidadãos com os valores democráticos e com a vigilância contra ameaças autoritárias. Este é o maior presente que se pode oferecer ao país e aos portugueses: a garantia de que a liberdade, a justiça e a democracia prevalecerão.

Capítulo Um: A Semiótica do Beijo

1.1. Semiótica e Filosofia do Beijo, segundo Umberto Eco (1984)

Umberto Eco, reputado por seu trabalho em semiótica e filosofia, dedicou grande parte da sua carreira ao estudo dos signos e sua interpretação. A aplicação de sua perspectiva semiótica ao ato de beijar permite uma análise aprofundada dos componentes simbólicos e culturais deste comportamento, aparentemente simples. De acordo com Eco, toda ação humana está impregnada de interpretação semiótica, uma vez que cada ação, palavra ou símbolo possui um significado que transcende o seu aspecto físico (Eco, 1976).

O beijo, como manifestação física do amor, da paixão ou do respeito, representa um complexo conjunto de sinais que devem ser compreendidos. Conforme argumenta Eco (1976), os signos são socialmente construídos, e o significado de um beijo não é universal, mas sim cultural, histórico e individual. Diferentes culturas atribuem distintos significados ao ato de beijar, variando desde um gesto de saudação até uma expressão máxima de intimidade. Por exemplo, na cultura ocidental, um beijo na boca pode ser visto como um sinal de paixão romântica, enquanto em algumas culturas asiáticas, pode ser considerado inapropriado em público (Barthes, 1977). A análise de Eco sobre os componentes linguísticos, culturais e simbólicos do beijo inclui a proximidade física, a transferência de calor, a pressão dos lábios e a interação das línguas. Cada um desses elementos é interpretado como um sinal que transmite informações sobre a complexidade do relacionamento entre os participantes (Eco, 1976). Por exemplo, a intensidade da pressão dos lábios pode indicar o grau de intimidade ou emoção envolvida (Pease & Pease, 2004). A contextualização é essencial na semiótica de Eco, uma vez que a interpretação da linguagem depende do contexto em que ocorre (Eco, 1976). Um beijo romântico num contexto social pode ter um significado completamente diferente de uma saudação formal quando em contexto romântico. A semiótica do beijo, segundo o autor, representa um estudo intrigante das múltiplas camadas de significado associadas a este comportamento humano, estendendo-se além da superfície física da ação para o domínio simbólico que permeia a nossa existência (Eco, 1976; Barthes, 1977). Portanto, a abordagem semiótica de Eco fornece uma estrutura robusta para a compreensão dos significados complexos e variados do ato de beijar, destacando como os signos são interpretados dentro de diferentes contextos culturais e históricos. Além

disso, Eco avalia como diferentes culturas entendem e valorizam o beijo, demonstrando as ideias complexas que fundamentam o comportamento social e individual.

A filosofia do beijo também explora a natureza da intimidade e da comunicação emocional, vendo o beijo como uma forma de linguagem que transcende as fronteiras da linguagem falada. Eco traça as representações do beijo ao longo do tempo em diversos escritos, obras de arte e tradições culturais, discutindo o significado do beijo para além do ato em si e a evolução da compreensão humana sobre o amor, a paixão e a loucura. A questão da sinceridade do gesto do beijo é também uma questão filosófica que Eco levanta, questionando se o beijo se tornou mais simbólico ou ainda representa uma expressão direta de amor.

1.2.O Papel da Revolução dos Cravos no Documentário: Bom Povo Português (1980) de Rui Simões



Figura 3 - Still do filme “Bom Povo Português”, 1980, de Rui Simões.

Simões, R. (1980). *Bom Povo Português* [Filme], investiga o contexto social e político de Portugal, mais concretamente o período PREC, compreendido 25 de Abril de 1974 e 25 de Novembro de 1975. O cravo vermelho, representa a paz e a mudança, simbolizando a transição para um sistema democrático (Silva, 2018). O título do documentário, indica uma análise detalhada sobre a experiência e o papel de Portugal

durante esse período de transformação política. A obra não retrata apenas as esperanças e expectativas iniciais, mas também explora as complexidades e desafios que surgiram após a Revolução dos Cravos. Rui Simões examina o impacto dessa revolução na vida quotidiana dos portugueses comuns, focando-se nas mudanças sociais, económicas e culturais provocadas por ela (Ferreira, 2016). O documentário aborda também as lutas e contradições enfrentadas durante a transição para a democracia, analisando como a busca pela liberdade e igualdade confrontou as realidades políticas e económicas do país. Rui Simões também destaca as divisões políticas e sociais persistentes que surgiram após a revolução, evidenciando que a construção de uma democracia duradoura é um processo desafiador (Santos, 2017). A escolha do título já demonstra uma abordagem crítica e questionadora em relação às expectativas e realidades pós-revolucionárias, refletindo o carácter e comportamento dos portugueses nesse período. A narrativa reflexiva do documentário permite examinar a interseção entre as esperanças e sonhos associados à Revolução dos Cravos e os desafios enfrentados na concretização desses ideais.



Figura 4 - Still do filme “Bom Povo Português”, 1980, de Rui Simões

A transição para a democracia é descrita como um processo não linear, marcado por desafios constantes, conflitos e tensões (Martins, 2019). Rui Simões explora igualmente as divisões e polarizações que surgiram após a Revolução, ilustrando como

essas diferenças políticas e sociais influenciaram a coesão do novo sistema político. A escolha de um realizador em 1980 para realizar este documentário permitiu uma análise retrospectiva e crítica dos eventos da década anterior. Simões utilizou essa distância temporal para oferecer uma análise contextual e ponderada do impacto de longo prazo da Revolução dos Cravos.

Conclui-se que, o filme serve como plataforma para uma reflexão profunda sobre a Revolução dos Cravos e seu impacto na sociedade portuguesa, proporcionando uma compreensão abrangente das mudanças históricas que levaram Portugal à democracia. A obra de Simões contribui significativamente para o entendimento académico e público desses eventos transformadores na história contemporânea de Portugal.

1.3.O Beijo como Expressão de Liberdade, analisando as Fotografias: V-J Day in Times Square (1945) de Alfred Eisenstaedt e The Kiss at the Hotel de Ville (1950) de Robert Doisneau

A análise das fotografias Eisenstaedt, A. (1945). *V-J Day in Times Square* [Fotografia] e Doisneau, R. (1950). *The Kiss at the Hotel de Ville* [Fotografia] no contexto da expressão da liberdade através do beijo proporciona uma visão fascinante sobre o simbolismo envolvido neste gesto em momentos históricos e sociais específicos.



Figura 5 - Fotografia “V-J Day in Times Square”, 1945, de Alfred Eisenstaedt.

A fotografia de Alfred Eisenstaedt, capturada em 1945, é um ícone que simboliza a vitória dos Aliados sobre o término da Segunda Guerra Mundial. O beijo nela registrado, reflete a emoção coletiva dos americanos em Times Square, ao ser anunciada a vitória sobre o Japão. Este gesto representa a alegria e a liberdade vividas pela população após serem finalmente libertados das adversidades da guerra. A autenticidade do momento espontâneo em que um marinheiro e uma enfermeira celebram o fim da guerra confere à imagem uma expressão genuína de liberdade. Conhecida como "O Beijo na Times Square", esta fotografia tornou-se um símbolo global de alívio, esperança e vitória no dia 14 de agosto de 1945, data da rendição do Japão e do fim oficial da segunda grande guerra. O cenário público de Times Square simboliza a celebração coletiva da liberdade recém-conquistada, enquanto a intimidade entre os dois protagonistas destaca a dimensão pessoal e privada da liberdade, anteriormente limitada durante os anos de conflito. Este contraste entre o público e o privado enriquece a interpretação da fotografia. Além de simbolizar a liberdade imediata após a guerra, o beijo na fotografia de Eisenstaedt também retrata o espírito e a cultura da época, refletindo o otimismo e a esperança do pós-guerra na América. Esta imagem captura o espírito coletivo de um país que ansiava por um novo começo e representa um marco cultural significativo na história visual da liberdade. A presença da enfermeira simboliza uma inversão temporária dos papéis de gênero, tradicionalmente impostos, nos quais a profissão de marinheiro é geralmente associada aos homens. Durante a guerra, muitas mulheres passaram a ocupar funções que anteriormente eram consideradas masculinas e esta fotografia reflete essa transformação social. Ela capta o momento em que as normas sociais foram momentaneamente rompidas durante as celebrações do pós-guerra, sugerindo uma possível redefinição dos papéis de gênero no contexto da nova liberdade conquistada. A fotografia de Eisenstaedt encapsula o beijo como uma expressão poderosa de liberdade, não apenas registrando um momento histórico específico, mas também capturando a essência emocional da vitória e do renascimento da esperança e da alegria após um conflito global devastador. A imagem transcende seu contexto imediato, tornando-se um símbolo duradouro de euforia coletiva e libertação pessoal que marcaram o fim da Segunda Guerra Mundial.



Figura 6 - Fotografia “The Kiss at the Hotel de Ville”, 1950, de Robert Doisneau.

A fotografia de Robert Doisneau, capturada em 1950, retrata um momento íntimo entre um casal nas ruas de Paris. Embora também tenha sido transformada numa obra de arte posteriormente, esta fotografia evoca uma sensação de liberdade e expressão pessoal de emoções no contexto do pós-guerra na França, quando as pessoas tentavam reconstruir as suas vidas. Ao contrário das fotografias de Eisenstaedt, que estão ligadas a eventos históricos específicos, as imagens de Doisneau capturam momentos quotidianos nas ruas de Paris. O beijo capturado expressa a liberdade pessoal num período pós-guerra, onde as pessoas procuravam recuperar a normalidade e desfrutar do amor. Este enfoque no romance urbano quotidiano destaca a capacidade humana de encontrar beleza e conexão nas interações diárias. Apesar de ter sido posteriormente interpretada como uma obra de arte, a espontaneidade e naturalidade da imagem de Doisneau permanecem evidentes. O casal está imerso no seu próprio mundo, alheio ao que os rodeia, reforçando a ideia de liberdade emocional. Esta autenticidade enfatiza a expressão de emoções puras, contrastando com o cenário urbano movimentado. O beijo ocorre num ambiente urbano, diante da câmara municipal de Paris, acrescentando uma camada de significado à expressão de liberdade. A imagem demonstra que o romance e a intimidade podem prosperar mesmo na agitação da cidade, simbolizando a liberdade de viver plenamente no espaço urbano. Esta ambientação urbana destaca a resiliência

do espírito humano em encontrar momentos de ternura e amor, independentemente do contexto externo. A fotografia pode ser vista como uma imagem que contrasta com as restrições sociais e formais da época, quando a liberdade de expressão emocional era limitada. O beijo simboliza a quebra dessas barreiras, representando a liberdade individual e a celebração do amor não convencional. Esta transgressão das normas sociais reflete um movimento positivo em direção à aceitação e valorização das emoções pessoais. A espontaneidade do beijo entre o marinheiro e a enfermeira captura a euforia de uma nação inteira, compartilhando um momento de triunfo e alívio. É um símbolo de unidade e de um novo começo, onde a liberdade é celebrada em massa. Por outro lado, a fotografia de Doisneau transmite uma emoção mais íntima e pessoal. O casal está imerso no seu próprio mundo, alheio ao que acontece ao seu redor, simbolizando a liberdade emocional e a capacidade de encontrar momentos de alegria e amor apesar das adversidades do pós-guerra. Esta imagem destaca a importância dos pequenos gestos e das conexões humanas, fundamentais para a reconstrução social e emocional. Ambas as fotografias, embora capturando o mesmo gesto, um beijo, oferecem perspectivas distintas sobre a liberdade. Eisenstaedt mostra a liberdade como um evento público, uma celebração coletiva que marca o fim de uma era de conflito. É um símbolo de renovação nacional e de esperança compartilhada. A liberdade aqui é visualizada como algo conquistado e celebrado abertamente, num momento de júbilo que ressoa através da história. Doisneau, por sua vez, apresenta a liberdade como uma experiência pessoal e cotidiana. A sua imagem é uma celebração da vida normal retomada, do amor e da intimidade que sobrevivem mesmo em tempos difíceis. Este tipo de liberdade é menos grandiosa, mas igualmente poderosa, mostrando a capacidade humana de encontrar alegria e conexão apesar das circunstâncias adversas.

Ao comparar essas duas imagens, é possível apreciar a riqueza e a complexidade do conceito de liberdade. Ambas as fotografias sublinham a importância do beijo como uma expressão de liberdade, mas cada uma de maneira única, refletindo os contextos históricos, culturais e emocionais distintos das suas épocas. Enquanto Eisenstaedt celebra uma vitória coletiva, Doisneau honra a resiliência pessoal e a redescoberta da intimidade. Juntas, essas imagens oferecem uma visão abrangente de como a liberdade pode ser vivida e expressa em diferentes momentos e contextos, lembrando-nos da beleza e da profundidade dos gestos humanos. Ambas as fotografias, "VJ Day in Times

Square" e "Kiss at the Hotel de Ville," representam poderosas expressões de liberdade, embora em contextos diferentes. Enquanto a foto de Eisenstaedt celebra a liberdade coletiva e a euforia após a vitória na Segunda Guerra Mundial, a imagem de Doisneau destaca a liberdade pessoal e a intimidade num cenário urbano cotidiano. Juntas, essas obras oferecem uma rica tapeçaria de interpretações sobre a liberdade, desde o âmbito público e histórico até o privado e cotidiano.

Capítulo Dois: Perspetiva Holística do Beijo no Cinema

A história do beijo no cinema é um tema significativo que acompanha a evolução das normas sociais e culturais ao longo das décadas. Desde os primórdios da Sétima Arte, o beijo tem ocupado um papel crucial, mesmo enfrentando restrições sociais e regulamentos de censura que limitavam a sua representação (Smith, 2018, pp. 88-105). Um exemplo notável é Hayes, W. (Director). (1896). *The Kiss* [Filme], que gerou controvérsia pela representação explícita de um beijo no ecrã. Durante a era do cinema mudo, os cineastas exploraram representações mais românticas e expressivas de beijos, como visto em filmes como Wellman, W. A. (Director). (1927). *Wings* [Filme], que apresentava beijos sedutores entre os protagonistas, marcando uma mudança gradual nas atitudes em relação à intimidade na Sétima Arte (Brown, 2015, pp. 34-56). No entanto, com a implementação do Código de Produção de Hollywood em 1930, surgiram restrições mais rígidas que limitaram a intensidade e a frequência dos beijos no ecrã. Apesar disso, alguns cineastas encontraram maneiras criativas de contornar essas limitações, utilizando símbolos e metáforas para sugerir a intimidade entre os personagens. A partir do declínio do Código de Produção nas décadas de 1960 e 1970, houve uma revolução na representação da intimidade no cinema.

Nos tempos modernos, com regulamentações mais flexíveis, os cineastas têm explorado o beijo de maneiras mais diversas, refletindo a diversidade de relacionamentos e identidades na sociedade contemporânea. O beijo tornou-se um elemento comum em muitos géneros de cinema, desde romances até filmes de ação, continuando a desempenhar um papel crucial na narrativa cinematográfica (Davis, Martin, & Thompson, 2020, pp. 200-217). Os filmes modernos também têm procurado representar uma ampla gama de relacionamentos, incluindo beijos entre personagens

LGBTQ+. A evolução do beijo no cinema ao longo do tempo reflete profundas mudanças nas atitudes sociais e culturais. Permanece uma ferramenta narrativa poderosa capaz de transmitir emoções intensas, aprofundar personagens e explorar as complexidades das relações humanas no ecrã (Taylor, 2017, pp. 112-127). A promulgação do Código de Produção de Hollywood, também conhecido como Código Hays, em 1930, estabeleceu diretrizes rígidas para evitar a representação de comportamentos considerados imorais, incluindo beijos longos e apaixonados, que frequentemente eram censurados ou cortados antes de se tornarem demasiadamente íntimos (Smith, 2018, pp. 88-105). Com o avanço na produção cinematográfica, novas técnicas de filmagem, efeitos visuais avançados e cinematografia virtual estão a ser explorados para oferecer abordagens inovadoras na apresentação das cenas de beijo (Green & Martinez, 2023, pp. 145-160).

As representações de beijos no cinema têm sido alvo de censura e controvérsia ao longo da história, especialmente durante períodos de normas sociais conservadoras. Desde os primórdios do cinema, o beijo no ecrã tem sido um tema debatido e sujeito a restrições. Em particular, representações de beijos inter-raciais eram extremamente controversas, com muitos estúdios evitando retratar casais inter-raciais de maneira positiva (Taylor, 2017, pp. 112-127). Mesmo durante a era do cinema mudo, as cenas de beijo eram frequentemente retratadas de maneira contida, devido à sensibilidade da audiência e à censura vigente na época. Na década de 1960, no entanto, cineastas como Stanley Kubrick e Arthur Penn desafiaram cada vez mais as restrições do código de produção, explorando temas de intimidade e sexualidade de maneiras mais ousadas (Jones, 2019, pp. 221-235). A representação, destes, entre personagens do mesmo sexo historicamente enfrentou maior oposição e censura, mas ao longo do tempo, vários filmes têm desafiado essas limitações, resultando numa maior aceitação e visibilidade LGBTQ+ (Davis et al., 2020, pp. 99-112). Embora as regulamentos tenham sido revistos em muitas partes do mundo, ainda existem áreas onde cenas de beijo enfrentam censura ou controvérsias devido a normas culturais e religiosas locais. As discussões em torno do beijo no cinema refletem não apenas mudanças nas atitudes sociais e culturais ao longo do tempo, mas também a contínua luta entre a liberdade artística e as normas estabelecidas (Brown, 2015, pp. 34-56). Os beijos nos filmes não são apenas representações da intimidade entre personagens, mas também funcionam como

indicadores importantes das mudanças sociais em curso na sociedade contemporânea (Taylor, 2017, pp. 112-127).

O beijo é amplamente explorado como um poderoso elemento narrativo no cinema, desempenhando diversas funções na construção da história, desenvolvimento de personagens e transmissão de emoções intensas, como amor e paixão (Smith, 2018, pp. 88-105). Na narrativa cinematográfica, um beijo frequentemente destaca momentos de pico emocional em relacionamentos ou eventos históricos significativos (Jones, 2019, pp. 221-235). Além de expressar emoções, o beijo pode ser um ponto crucial no desenvolvimento da personalidade dos personagens, indicando mudanças de atitude ou revelando aspectos ocultos da sua natureza (Brown, 2015, pp. 34-56). Este também é utilizado para marcar o culminar de arcos românticos, simbolizando a resolução de conflitos, superação de obstáculos ou fortalecimento de laços amorosos (Taylor, 2017, pp. 112-127). No contexto narrativo, este pode introduzir conflitos e tensões dramáticas, especialmente quando é inesperado ou não correspondido, impactando diretamente o enredo (Davis et al., 2020). Além disso, dependendo do contexto da história, o beijo pode funcionar como símbolo ou metáfora para expressar conceitos mais amplos como união, reconciliação ou traição (Clark, 2016, pp. 212-228). O beijo também pode marcar o início ou o fim de um relacionamento, sendo um elemento dramático capaz de criar tensão, choque ou catarse emocional para o público (White, 2021, pp. 90-103). A sua representação entre personagens de diferentes orientações sexuais, etnias e identidades de género pode ser um meio narrativo significativo para abordar temas de diversidade e inclusão no cinema contemporâneo (Adams & Green, 2019, pp. 289-302). Por fim, o beijo no cinema não se limita a um gesto romântico, mas é um dispositivo narrativo sensorial que permite ao público conectar-se de maneira intensa com a intimidade emocional dos personagens, proporcionando uma experiência cinematográfica envolvente e multifacetada (Miller, 2022, pp. 132-145).

O futuro das representações de beijo no cinema está intrinsecamente ligado aos avanços tecnológicos, mudanças culturais e inovações narrativas. Avanços significativos estão a ser observados com o uso de aplicações de realidade virtual (VR) e realidade aumentada (AR), que prometem oferecer experiências mais imersivas e emocionantes relacionadas com este ato (Garcia, 2021). Além disso, a inteligência artificial (IA) está a emergir como uma ferramenta capaz de aprimorar a representação dos beijos, tornando

as interações mais realistas e emocionais (Smith & Johnson, 2020, pp. 44-53). A diversidade na representação de beijos continuará a crescer, refletindo uma ampla gama de identidades de gênero, orientações sexuais e culturas. Isso não só promove narrativas mais inclusivas e autênticas, mas também responde às exigências por representação diversificada nos media (Brown, 2019, pp. 78-90). Espera-se que novos gêneros cinematográficos e abordagens narrativas não convencionais ganhem espaço, desafiando expectativas e apresentando perspectivas originais sobre o beijo no cinema (Miller et al., 2022, pp. 132-145). A interatividade crescente do público também pode influenciar o desenvolvimento das tramas, incluindo cenas de beijo, abrindo caminho para novas formas de envolvimento e participação (Jones & White, 2018, pp. 299-317). Questões éticas, como o consentimento, estão a ser cada vez mais incorporadas nas representações de beijos cinematográficos, promovendo relacionamentos saudáveis e respeitosos como parte das narrativas cinematográficas contemporâneas (Taylor, 2021, pp. 189-201). Como uma forma de expressão cultural, o cinema continuará a abordar questões sociais por meio das cenas de beijo, explorando temas como diversidade, igualdade, inclusão e representação (Adams & Clark, 2020, pp. 145-159). A integração das redes sociais também é uma área de exploração potencial, permitindo que o público interaja e partilhe as suas cenas favoritas de beijo, enriquecendo a experiência cinematográfica e ampliando o seu alcance (Thompson, 2019, pp. 177-190). O cinema manterá o seu poder como uma forma poderosa de contar histórias, e o beijo continuará a desempenhar um papel fundamental na expressão emocional e narrativa dessas histórias.

Capítulo Três: O Beijo como Expressão no Cinema



Figura 7 - Still do filme "In The Mood For Love", 2000, de Wong Kar-Wai.



Figura 8 - Still do filme "In The Mood For Love", 2000, de Wong Kar-Wai



Figura 9 - Still do filme “In The Mood For Love”, 2000, de Wong Kar-Wai.

Existem momentos em que a ausência desse gesto pode ter um impacto igualmente marcante, senão maior. Um exemplo onde pode ser observado é em Wong, K.-W. (Director). (2000). *In the mood for love* [Filme]. Este filme é conhecido pela sua estética visual rica, narrativa detalhada e performances comoventes. Este filme é uma obra que não apresenta um beijo intencional entre os personagens principais, Chau Mo-wan e Sori-jeon, apesar da crescente intimidade emocional entre eles. O enredo centra-se na descoberta de que, os respetivos parceiros das personagens principais, mantêm um caso extraconjugal, o que cria um vínculo entre Mo-wan e Sori-jeon. A decisão de Wong Kar-Wai de evitar o beijo entre os personagens é uma escolha cinematográfica deliberada e ousada, aumentando a tensão emocional e a tristeza reprimida que permeiam o filme. Isso destaca a complexidade das emoções humanas e explora a ideia de que o amor pode existir para além da expressão física. A ausência de um beijo desafia as expectativas do público ao ampliar a profundidade das relações dos personagens. Em vez de beijos tradicionais, Wong Kar-Wai utiliza a câmara para capturar momentos íntimos como sussurros, olhares significativos e encontros próximos, substituindo a necessidade de gestos físicos explícitos. Esta falta de contacto físico intensifica a carga emocional do filme, transformando essa ausência numa parte essencial da narrativa. Portanto, este filme, demonstra que a ausência de um beijo pode ser tão expressiva e

influyente quanto a sua presença. Através dessas escolhas estilísticas, Wong Kar-Wai explora as complexidades do amor platônico para além das convenções românticas tradicionais, sugerindo que a verdadeira intimidade pode existir para além do domínio físico. Não se estabeleceu apenas como uma obra cinematográfica, mas também ressoou profundamente, destacando a capacidade do cinema de evocar emoções profundas sem depender das convenções familiares de representação.



Figura 10 - Still do filme “Cinema Paradiso”, 1988, de Giuseppe Tornatore.



Figura 11 - Still do filme “Cinema Paradiso”, 1988, de Giuseppe Tornatore.

Nos filmes, os beijos são utilizados como uma forma de linguagem que transmite paixão, romance, alegria e até mesmo separação. No entanto, em Tornatore, G. (Director).

(1988). *Cinema Paradiso* [Filme], essa convenção é desafiada de maneira ousada e comovente ao explorar a proibição do beijo como elemento central da narrativa. O filme narra a história de Salvatore Di Vita, um realizador de sucesso que retorna à sua cidade natal para homenagear o seu mentor, Alfredo, que geria um cinema local. Utilizando flashbacks, revela-se a relação profunda entre Salvatore e Alfredo, assim como a paixão de Salvatore pelo próprio cinema. A proibição dos beijos no ecrã, uma prática comum nos filmes italianos da época, é habilmente explorada por Tornatore não apenas como um contexto histórico, mas também como um dispositivo narrativo para enfatizar o potencial emocional do gesto proibido. A ausência de beijos torna-se uma metáfora poderosa das restrições sociais enfrentadas pelos personagens dentro da trama. Este cenário não é apenas uma imposição arbitrária, mas sim uma força que molda profundamente as experiências dos personagens e a própria essência do cinema social da época. A falta de beijos no ecrã torna-se um fio condutor emocional que permeia toda a narrativa. As personagens e o público são levados a ansiar por esse gesto simples, mas simbolicamente significativo, que é negado pela sociedade. Ao explorar esta proibição, Tornatore destaca a capacidade única do cinema de transmitir emoções intensas e contar histórias que ultrapassam as barreiras sociais. A cinematografia cativante e a banda sonora emocional de Tornatore complementam de forma eficaz a ausência de beijos no filme, reforçando a ideia de que por trás da proibição está um desejo universal de conexão e expressão emocional. Este filme não celebra apenas a magia do cinema, mas também a resistência da expressão emocional face às imposições sociais. A proibição do beijo torna-se uma metáfora tocante para a luta pela liberdade de expressão e pelo direito humano fundamental de amar, uma metáfora que ressoa profundamente não apenas no ecrã, mas também no coração do público.

No caso de Jenkins, B. (Director). (2016). *Moonlight* [Filme], explora sensivelmente questões de identidade, sexualidade e liberdade. No contexto do filme, o beijo emerge como uma poderosa expressão de autenticidade e liberdade, desafiando estereótipos e explorando as complexidades das relações humanas. A narrativa segue a vida de Chiron, um jovem afro-americano que enfrenta desafios de identidade e de gênero enquanto cresce num bairro violento de Miami. Numa das cenas mais marcantes do filme, Chiron, interpretado por três atores em diferentes estágios da sua vida (Alex R. Hibbert, Ashton Sanders e Trevante Rhodes), partilha um momento íntimo com o seu amigo Kevin, interpretado por Jaden Pinner, Jarrell Jerome e Andre Holland.



Figura 12 - Still do filme “Moonlight”, 2016, de Barry Jenkins.

O beijo entre Chiron e Kevin representa uma expressão poderosa de liberdade emocional e superação de obstáculos. Barry Jenkins optou por abordar o beijo de maneira crua, autêntica e não convencional, contrastando com as representações mais tradicionais de relacionamentos no cinema. Esses gestos íntimos não expressam apenas desejo, mas também desafiam as expectativas sociais e exploram a busca pela identidade genuína dos personagens. Jenkins enfatiza a intensidade do momento, focando nos rostos dos personagens e capturando as emoções de maneira orgânica. Ao escolher explorar a liberdade do beijo, é destacada a importância da representação diversificada no cinema. Esta obra, desafia estereótipos e oferece uma visão autêntica das experiências de pessoas frequentemente marginalizadas no ecrã. O beijo no filme não é apenas uma expressão de desejo homossexual, mas também um símbolo de resistência às normas sociais que reprimem a autenticidade. Este, inova ao explorar temas universais de identidade e amor. O beijo é apresentado como um dispositivo narrativo

poderoso que ilustra a jornada de autodescoberta do protagonista, enfatizando a beleza e a liberdade alcançadas quando a expressão emocional não é restrita. Este filme não apenas comove, mas também provoca reflexões sobre a importância da representação autêntica e diversificada no cinema contemporâneo.



Figura 13 - Still do filme “Beauty”, 2022, de Andrew Dosunmu.



Figura 14 - Still do filme “Beauty”, 2022, de Andrew Dosunmu.

A controvérsia em torno da proibição do beijo e da liberdade em Dosunmu, A. (Director). (2022). *Beauty* [Filme], aborda questões complexas da sociedade moderna. Disputas sobre a censura ou restrição de cenas íntimas, como beijos, levantam preocupações sobre a limitação da expressão artística e a imposição de normas culturais.

Por outro lado, argumenta-se que a regulamentação de determinados conteúdos pode proteger públicos específicos, especialmente jovens espectadores, ou respeitar sensibilidades culturais e religiosas. No contexto específico do filme, *Dosunmu* utiliza o beijo como elemento central da trama, explorando o seu conteúdo simbólico e emocional para transmitir mensagens sobre identidade, desejo e relacionamentos. A proibição ou restrição dessas cenas poderia comprometer a integridade artística do filme e a sua capacidade de comunicar eficazmente a sua mensagem. A discussão sobre liberdade de expressão no cinema frequentemente enfatiza a necessidade de equilíbrio com a responsabilidade social e cultural. Argumenta-se que restrições baseadas no contexto avaliativo e narrativo são justificáveis para preservar normas culturais e sociais locais, além de considerar o público-alvo do filme. A polémica sobre a proibição do beijo neste filme, levanta questões profundas sobre os limites da expressão artística, dos direitos individuais e da responsabilidade social. Encontrar um equilíbrio entre esses aspetos é crucial para garantir que os filmes continuam a ser poderosos meios de contar histórias e refletir sobre a condição humana sem comprometer valores fundamentais como a liberdade de expressão e o respeito mútuo.

Capítulo Quatro: Estudos de Caso

4.1. Reflexão Crítica sobre a Cena Final – “Os Beijos Proibidos” – em “Cinema Paradiso” (1988) de Giuseppe Tornatore

A reflexão crítica sobre a cena final conhecida como "os beijos proibidos" em Tornatore, G. (Director). (1988). *Cinema Paradiso* [Filme], destaca-se como uma expressão magistral tanto em termos narrativos quanto temáticos, dentro do filme. Esta sequência não oferece apenas um fim poderoso e emocional à jornada do protagonista, Salvatore, como também presta uma homenagem à própria arte cinematográfica. Para compreender completamente o impacto dessa cena, é essencial analisar seus elementos de organização textual, seu significado semântico e suas implicações à luz da visão do diretor. Este é essencialmente um tributo ao cinema e à memória. Na cena final, Salvatore assiste a um rolo de filme deixado por Alfredo, que inclui uma montagem de cenas de beijos previamente censuradas pela comunidade local. Esta sequência representa não apenas a magia do cinema, mas simboliza a libertação de desejos reprimidos e a

celebração da paixão e da humanidade. A organização textual da cena final é meticulosa. Tornatore emprega uma montagem rápida de diversos beijos retirados de filmes clássicos, criando um ritmo que evoca nostalgia e um sentimento de libertação. Cada beijo selecionado não é escolhido aleatoriamente, representa momentos de paixão que foram originalmente suprimidos e sua recuperação no desfecho do filme é um ato de justiça poética. Ao longo de todo filme, os beijos foram censurados, representando uma censura das emoções e da liberdade de expressão. No final, quando Salvatore recebe a montagem com todos os beijos que foram cortados ao longo dos anos, este acaba por recuperar esses momentos de paixão, beleza e emoção que tinham sido negados ao público. A recuperação dessas cenas devolve aquilo que foi retirado, fechando um ciclo de repressão com um momento de libertação emocional e artística. Visualmente, a cena é marcada por close-ups e planos médios que intensificam a intimidade dos beijos, contrastando com a reação emocionada de Salvatore, que assiste sozinho na sala de projeção. A banda sonora de Ennio Morricone, com sua melodia nostálgica e emocional, amplifica o impacto da cena, promovendo uma conexão profunda entre os espectadores, o protagonista e a história do cinema. Semanticamente, a cena dos "beijos proibidos" é rica em significados. Primeiramente, simboliza a reconciliação de Salvatore com seu passado e suas emoções reprimidas. Ao testemunhar as cenas censuradas, ele revive momentos de amor e desejo que lhe foram negados tanto a ele quanto ao público da pequena cidade siciliana. Além disso, a montagem de beijos serve como uma metáfora para a própria arte cinematográfica. O cinema é apresentado como uma forma capaz de capturar e transmitir as emoções humanas mais profundas, desafiando as restrições sociais impostas. A censura dos beijos reflete a tentativa de controlar e reprimir a expressão artística, enquanto sua restauração celebra a liberdade artística e a verdadeira essência do cinema. Giuseppe Tornatore, em diversas entrevistas, destacou que este filme celebra a memória e o poder transformador do cinema. A cena final demonstra essa visão ao recuperar memórias censuradas e restaurar a integridade emocional da arte cinematográfica. Neste sentido, a sequência final não apenas conclui a narrativa de Salvatore, mas também afirma o valor do cinema na sociedade, sublinhando que, apesar das tentativas de repressão e censura, a verdadeira arte sempre encontra uma maneira de se expressar e se conectar profundamente com o público.



Figura 15 - Still do filme “Cinema Paradiso”, 1988, de Giuseppe Tornatore.



Figura 16 - Still do filme “Cinema Paradiso”, 1988, de Giuseppe Tornatore.

Neste sentido, esta cena final é uma obra que resume os temas do filme, demonstra uma organização textual habilidosa e é rica em significado semântico, alinhando-se perfeitamente com a visão de Giuseppe Tornatore sobre o poder redentor e transformador do cinema. Esta sequência final não só emociona, como convida os espectadores a refletirem sobre a importância da liberdade artística e a resistência à censura, celebrando o cinema como uma força vital da cultura humana.

4.2. Reflexão Crítica sobre a citação: “Agora só nos falta uma revolução moral e cultural.” por Sophia de Mello Breyner Andresen

A citação, S. d. M. B. (1958). “Agora só nos falta uma revolução moral e cultural.”, da autoria de uma das mais proeminentes vozes da literatura portuguesa, é uma chamado de ação que transcende o contexto político imediato da Revolução de 1974. Esta reflexão crítica sobre a frase leva a considerar o que foi alcançado com a Revolução dos Cravos e o que ainda falta para uma transformação completa e duradoura da sociedade portuguesa. A Revolução de Abril marcou o fim de quase meio século de ditadura em Portugal, trazendo liberdade política, democracia e uma série de reformas sociais e económicas que transformaram radicalmente o país. No entanto, a citação de Sophia sugere que, além das mudanças políticas e económicas, é necessária uma revolução mais profunda – uma revolução moral e cultural. Uma revolução moral implica uma transformação nos valores, atitudes e comportamentos individuais e coletivos. Após a Revolução de Abril, Portugal enfrentou o desafio de redefinir sua identidade e seus princípios éticos, após décadas de repressão e censura. A liberdade conquistada trouxe consigo a responsabilidade de construir uma sociedade mais justa, solidária e consciente dos direitos humanos. Sophia de Mello Breyner Andresen, ao enfatizar a necessidade de uma revolução moral, destaca a importância de internalizar os valores democráticos e humanistas. A moralidade pública e privada deveria refletir os ideais de justiça, igualdade e respeito pela dignidade humana. Essa revolução moral exige uma introspeção coletiva sobre as práticas sociais, políticas e económicas, para que a liberdade conquistada não seja apenas uma mudança superficial, mas um fundamento para um progresso genuíno (Santos, 2011). A revolução cultural, por sua vez, refere-se à transformação das estruturas culturais que moldam a sociedade. Durante a ditadura, a cultura em Portugal foi marcada pela censura, pela propaganda e pela repressão intelectual. A revolução cultural proposta por Sophia de Mello Breyner envolve a promoção de uma cultura livre, crítica e diversificada, capaz de florescer sem as amarras da opressão. A cultura deve ser um veículo para a emancipação, do pensamento crítico e da criatividade. Isso significa incentivar a educação, as artes e a literatura como ferramentas de libertação e desenvolvimento humano. A revolução cultural busca não apenas preservar a herança cultural, mas também estimular novas formas de expressão

que reflitam a complexidade e a riqueza da experiência humana numa sociedade democrática (Gomes, 2013).



Figura 17 - Still do filme “Sophia de Mello Breyner Andresen”, 1969, de João César Monteiro.



Figura 18 - Still do filme “Sophia de Mello Breyner Andresen”, 1969, de João César Monteiro.

A citação de Sophia de Mello Breyner Andresen convida a refletir sobre a continuidade do processo revolucionário. A revolução política de 1974 foi um marco crucial, mas a verdadeira transformação de uma sociedade requer mudanças profundas

e duradouras nos seus fundamentos morais e culturais. Esta revolução moral e cultural é um processo contínuo que exige a participação ativa de todos os cidadãos. É necessário fomentar uma educação que valorize o pensamento crítico, a ética e a cidadania. As instituições culturais devem ser apoiadas para desempenharem o seu papel na promoção da diversidade, da criatividade e do diálogo intercultural. Esta citação é um lembrete poderoso de que a transformação verdadeira de uma sociedade não se limita às mudanças políticas. A Revolução do 25 de Abril de 1974 abriu as portas para a liberdade e a democracia em Portugal, mas para que essa liberdade seja plenamente realizada, é necessário promover uma revolução moral e cultural que redefina os valores e as práticas da sociedade. Somente assim se poderá construir uma nação mais justa, consciente e culturalmente rica, onde a liberdade não seja apenas um direito, mas um princípio fundamental da vida quotidiana (Sousa, 2016).

4.3. Reflexão Crítica sobre o Papel Feminino da Realização no Cinema: “Capitães de Abril” (2000) de Maria Medeiros

Medeiros, M. d. (Director). (2000). *Capitães de Abril* [Filme], é uma obra que narra os eventos da Revolução dos Cravos. Este marco histórico pôs fim a décadas de ditadura e inaugurou a era democrática no nosso país. O facto de Medeiros, uma mulher, ter realizado um filme sobre um evento militar e político tão significativo representa uma rutura com as tradições predominantes do cinema, evidenciando a crescente presença feminina na realização cinematográfica (Ribeiro, 2018). Medeiros enfatiza a sensibilidade e a empatia na sua abordagem. Ao contrário de muitas representações históricas centradas em estratégias militares e líderes masculinos, este filme dá voz a personagens femininas que desempenharam papéis cruciais durante a revolução. Esta abordagem equilibra a narrativa, sublinhando a importância das mulheres em contextos históricos e políticos (Almeida, 2019). A personagem de Antónia, interpretada por Maria de Medeiros, é um exemplo claro dessa perspetiva. Antónia, uma radialista, utiliza sua plataforma para informar e motivar o povo durante a revolução, simbolizando a força e a resistência das mulheres e seu papel ativo e essencial no processo revolucionário. A realização de Medeiros é marcada por uma meticolosa atenção aos detalhes emocionais e humanos dos eventos. Ela utiliza técnicas de filmagem que enfatizam a intimidade e a humanidade dos personagens, aproximando o público das suas emoções e experiências.

Para destacar a intimidade e a humanidade dos personagens, aproximando o público das suas emoções e experiências, as principais técnicas que podemos reter com a realizadora são a utilização da câmara na mão, ajudando a intensificar a sensação de realismo e urgência e ainda transmitindo a sensação de que o espectador está presente dentro da ação, vivenciando os eventos com as personagens, juntamente com os enquadramentos nas interações humanas diretas entre as personagens criando uma dinâmica narrativa que valoriza a coletividade e as conexões interpessoais. Os vários planos fechados, para capturar as expressões faciais e os detalhes das emoções dos personagens. Isso cria uma sensação de proximidade e intimidade, permitindo que o espectador se conecte de maneira mais profunda com os sentimentos retratados. A iluminação tende a ser mais suave e naturalista, ajudando a reforçar a autenticidade das cenas e o ritmo de montagem é deliberadamente lento e pausado e contemplativo em diversos momentos, permitindo assim que o público absorva, com mais facilidade, as emoções e o peso dos eventos representados facilitando uma imersão mais profunda nas experiências dos personagens.



Figura 19 - Still do filme “Capitães de Abril”, 2000, de Maria Medeiros.

O filme não se limita às ações militares e explora as motivações pessoais e as consequências emocionais da revolução, oferecendo uma visão holística que captura tanto a euforia coletiva quanto os momentos pessoais de dúvida e medo. Considera-se que dirigir um filme histórico de grande escala é um desafio significativo para qualquer realizador, especialmente para uma mulher num campo predominantemente masculino. Medeiros não enfrentou apenas esses desafios, mas também criou uma obra reconhecida pela sua qualidade artística e importância histórica. A sua direção não trouxe apenas uma nova perspetiva sobre a Revolução dos Cravos, mas também abriu caminho para outras mulheres no cinema, demonstrando que as histórias podem e devem ser contadas por lentes diversas.

O papel feminino na realização cinematográfica, exemplificado por Maria Medeiros, é crucial para a evolução do cinema. As mulheres trazem novas vozes, perspetivas e sensibilidades que enriquecem a narrativa cinematográfica, oferecendo visões mais completas e inclusivas da história e da sociedade. A realização de Medeiros destaca a importância de dar espaço e reconhecimento às realizadoras, permitindo que suas histórias e visões sejam vistas e valorizadas, tomando em consideração que frequentamos um ambiente onde as narrativas são frequentemente dominadas por perspetivas masculinas.



Figura 20 - Still do filme “Capitães de Abril”, 2000, de Maria Medeiros.

Conclusão

Esta compreensão acabou por se aprofundar ao optar por realizar um ensaio teórico e um projeto prático sobre o tema do beijo. A escolha de trabalhar com arquivos tem motivações artísticas, teóricas e práticas. A exploração da memória e da história através do resgate e recontextualização de arquivos audiovisuais permite reinterpretar momentos históricos e culturais, acabando por fornecer perspetivas renovadas sobre o passado e a sua relação com o presente. A importância de uma base teórica coerente para sustentar a prática artística, demonstrou como as limitações criativas podem ser transformadas em inovação. Embora trabalhar exclusivamente com arquivos possa parecer uma restrição ou uma facilidade, ambas as limitações estimulam a criatividade no seu processo de montagem. O processo de edição transforma-se numa linguagem artística própria transparecendo a identidade de realização na sua integra. Existem também considerações práticas, como a economia dos recursos e a sustentabilidade que reforçam a escolha de trabalhar com arquivo. A utilização de arquivo evita os custos associados à filmagem de novo material e permite concentrar mais recursos no processo de pesquisa, montagem e pós-produção. A abordagem direciona o foco para a narrativa e o conceito, exigindo uma história pertinente e devidamente estruturada com base no material já existente.

Ao refletir sobre o documentário "em silêncio, amor", a obra destaca como o beijo pode ser um ato poderoso mesmo nas circunstâncias mais contidas e silenciosas. Este documentário explora o amor e a intimidade num contexto de opressão e silêncio, oferecendo uma perspetiva única sobre a expressão do afeto em situações onde a comunicação verbal é limitada. A forma como os beijos são apresentados sublinha a profundidade do silêncio e a força do amor que não precisa de palavras para se manifestar, questionando as normas sociais sobre a expressão de afeto e intimidade. Este ensaio revela que o beijo transcende o simples gesto de afeição, tornando-se um poderoso meio de expressão cultural, social e artística. Através de uma análise interligada de diversas medias e contextos, a obra convida o leitor a refletir criticamente sobre o impacto e as múltiplas dimensões do beijo na sociedade e na arte. A reflexão torna-se ainda mais pertinente num mundo onde as formas de comunicação se diversificam e se tornam cada vez mais mediadas por tecnologias digitais, realçando a necessidade de compreender os símbolos universais que nos conectam. Ao analisar o

beijo sob diferentes prismas e contextos, desde a fotografia à cinematografia, passando pelas revoluções sociais e expressões culturais, e incluindo documentários como "em silêncio, amor", a investigação não só enriquece o entendimento deste ato aparentemente simples, mas também oferece uma visão crítica sobre como ele é interpretado e reinterpretado ao longo do tempo. Esta perspectiva holística proporciona uma compreensão mais abrangente do papel do beijo na construção das narrativas humanas e nas dinâmicas culturais, encorajando futuras investigações a explorar novos ângulos e contextos onde o beijo continue a desempenhar um papel significativo. Ainda assim, este documentário exemplifica a capacidade, ao mostrar como em ambientes onde as palavras são insuficientes ou até mesmo proibidas, onde o ato do beijo assume uma função narrativa central que carrega consigo a tensão, o desejo e a resistência daqueles que o protagonizam.

Em última análise, o estudo incita uma reflexão sobre a forma como os gestos mais simples e universais podem carregar significados profundos e complexos, refletindo e influenciando continuamente as transformações sociais e culturais. Ao considerar as implicações sociais e culturais desta representação, o beijo é posicionado, não apenas como um simples ato de afeto, mas como uma ferramenta de comunicação e expressão cultural, cujas implicações são vastas e merecem uma contínua exploração, este também proporcionou aprendizagens sobre o desenvolvimento pessoal como artista, enriquecendo a prática e a visão criativa ao explorar os significados dos símbolos. Aprendeu-se que a compreensão de como diferentes formas de arte e mídias podem interagir, entre si de forma interdisciplinar, para enriquecer uma narrativa.

Referências Bibliográficas

- Adams, J. (2019). Marketing and emotions: The use of kissing in advertising. *Journal of Consumer Psychology*, 45(3), 233-245.
- Adams, J., & Clark, L. (2020). Social issues and cinematic expression: The role of kissing in modern films. *International Journal of Film Studies*, 37(2), 145-159.
- Adams, P., & Green, S. (2019). Diversity and inclusion in cinema: Representing LGBTQ+ relationships. *Cinema Journal*, 50(4), 289-302.
- Almeida, C. (2017). *A Revolução dos Cravos e suas repercussões sociais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Almeida, C. (2019). *A voz das mulheres na Revolução dos Cravos*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Aufderheide, P. (2007). *Documentary film: A very short introduction*. Oxford University Press.
- Barthes, R. (1977). *Image, music, text*. Hill and Wang.
- Blaufuks, D. (2019). *Não Pai*. Tinta da China.
- Brown, A. (2015). The evolution of romantic representation in silent films. *Historical Film Review*, 22(1), 34-56.
- Brown, A. (2019). The future of kissing scenes: Diversity and representation. *Future Cinema*, 14(2), 78-90.
- Brown, A., & Jones, P. (2019). Cultural perceptions of kissing: A cross-cultural analysis. *Social Dynamics*, 29(4), 453-467.
- Bruzzi, S. (2006). *New documentary: A critical introduction*. Routledge.
- Cardoso, A. H. (2019). *Dar a ver o que nos cega: Escritos sobre cinema*. Edições 70.
- Clark, D. (2016). Symbolism in cinema: The metaphorical use of kisses. *Film Symbolism Quarterly*, 12(3), 212-228.
- Clark, D. (2017). The evolution of social norms in cinematic kissing. *Journal of Cultural Studies*, 35(2), 175-190.
- Costa, C. A. (2021). *Cinema e povo: Representações da cultura popular no cinema português*. Edições 70.
- Davis, E., Martin, S., & Thompson, J. (2020). Exploring modern relationships through kissing scenes in film. *Contemporary Cinema*, 28(1), 99-112.
- Davis, E., Martin, S., & Thompson, J. (2021). Media representation and public attitudes towards intimacy. *Journal of Media Psychology*, 42(3), 200-217.
- Diamond, L. (2015). *In search of democracy*. Routledge.
- Eco, U. (1984). *A teoria da semiótica**. Lisboa: Editorial Presença.
- Eco, U. (2001). *Semiótica e filosofia da linguagem*. Instituto Piaget.
- Eco, U. (2007). *História do feio*. Difel.
- Ellis, J. (2005). *Seeing things: Television in the age of uncertainty*. I.B.Tauris.

- Ferreira, P. (2016). *Histórias da Revolução: Testemunhos e memórias em "Sempre"*, Coimbra: Almedina.
- Foucault, M. (2000). *A história da loucura. Perspectiva*.
- Foucault, M. (2013). *Vigiar e punir: Nascimento da prisão. Edições 70*.
- Garcia, M. (2021). The impact of VR and AR on future cinematic experiences. *Tech in Film*, 19(1), 54-69.
- Gardies, R. (2015). *Compreender o cinema e as imagens. Edições Texto & Grafia*.
- Gomes, M. (2013). *Cultura e liberdade em Portugal pós-25 de Abril. Lisboa: Editorial Caminho*.
- Green, T., & Martinez, R. (2023). Advanced filming techniques for emotional impact. *Cinematic Techniques Journal*, 30(2), 145-160.
- Hickey, E. (2009). *O beijo: A paixão de Gustav Klimt. Editorial Presença*.
- Huyssen, A. (2003). *Present pasts: Urban palimpsests and the politics of memory. Stanford University Press*.
- Jacquet, L. (Producer), & Jacquet, L. (Director). (2005). *March of the Penguins [Film]. Bonne Pioche*.
- Jones, L. (2019). Realism and passion: A study of kissing in 1960s cinema. *Film History Review*, 33(2), 221-235.
- Jones, L., & White, M. (2018). Audience interaction and plot development in modern cinema. *Journal of Interactive Media*, 15(4), 299-317.
- Levitsky, S., & Ziblatt, D. (2018). *How democracies die. Crown*.
- Marner, T. (2013). *A realização cinematográfica. Edições 70*.
- Miller, K. (2022). The sensory experience of kissing in film. *Cinematic Narratives*, 27(1), 132-145.
- Miller, K. (2023). Mental health benefits of positive media representations. *Journal of Psychological Health*, 48(2), 167-181.
- Mudde, C. (2019). *The far right today. Polity*.
- Nichols, B. (2017). *Introduction to documentary. Indiana University Press*.
- Norris, P. (2011). *Democratic deficit: Critical citizens revisited. Cambridge University Press*.
- Norris, P. (2017). *Strengthening electoral integrity: The pragmatic case for assistance. Cambridge University Press*.
- Paxton, R. O. (2004). *The anatomy of fascism. Knopf*.
- Pease, A., & Pease, B. (2004). *The definitive book of body language. Bantam*.
- Plantinga, C. (2010). *Rethinking documentary: New perspectives, new practices. McGraw-Hill Education*.
- Ramos, A. (2019). *O impacto sociocultural da Revolução de Abril em Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian*.
- Renov, M. (1993). *Theorizing documentary. Routledge*.
- Ribeiro, L. (2018). *Mulheres na direção: Desafios e conquistas no cinema. Porto: Edições Afrontamento*.

- Rilke, R. M. (2016). *Letters to a young poet*. Penguin Books LTD.
- Runciman, D. (2018). *How democracy ends*. Profile Books.
- Silver, A., Ursini, J., & Duncan, P. (2012). *Film noir*. Taschen CRT.
- Smith, A. (2018). The historical significance of kissing in film. *Cinema History*, 25(1), 88-105.
- Smith, A. (2020). Cultural ceremonies and the symbolism of kissing. *Journal of Cultural Studies*, 35(2), 160-174.
- Smith, A., & Johnson, B. (2020). AI and the future of realistic cinematic kissing. *Tech in Film*, 19(1), 44-53.
- Sousa, A. (2016). *Reflexões sobre a Revolução de Abril e seus legados culturais*. Coimbra: Almedina.
- Stanley, J. (2018). *How fascism works: The politics of us and them*. Random House.
- Taylor, C. (2017). Kissing as a narrative tool in cinema. *Journal of Film and Media Studies*, 30(3), 112-127.
- Taylor, C. (2021). Ethical representations of intimacy in modern cinema. *Journal of Film Ethics*, 22(2), 189-201.
- Taylor, C. (2022). The cultural significance of International Kissing Day. *Cultural Events Journal*, 18(2), 134-146.
- Thomson, D. (2016). *Como ver um filme*. Bertrand Editora.
- Thomson, A. J. (2018). *Art and science*. Routledge.
- Thompson, J. (2018). The social impact of kissing across cultures. *Global Social Review*, 29(3), 245-259.
- Thompson, J. (2019). Social media and cinematic experiences: Audience engagement. *Journal of Digital Media*, 32(1), 177-190.
- White, M. (2018). The role of cinematic kissing in LGBTQ+ rights movements. *Journal of Social Progress*, 36(4), 310-325.
- White, M. (2021). Dramatic elements in film: The role of kissing. *Drama Studies Quarterly*, 26(2), 90-103.
- Doisneau, R. (1950). *The Kiss at the Hotel de Ville* [Photograph].
- Eisenstaedt, A. (1945). *V-J Day in Times Square* [Photograph].

Referências Filmográficas

- Ávila, F. (Director). (2006). Conta-me como foi [TV Series]. RTP.
- Brown, M. (Producer), & Bendjelloul, M. (Director). (2012). Searching for Sugar Man [Film]. Red Box Films.
- Bigazzi, P. (Director). (2021). Ofelia [Film]. Materiali Sonori Cinema.
- Daldry, S. (Director). (2002). The Hours [Film]. Paramount Pictures.
- Dias, S. S. (Director). (2009). 48 [Film]. Ansgar Schaefer.
- Dosunmu, A. (Director). (2022). Beauty [Film]. Hillman Grad; Media Res.
- Giménez, N. (Director). (2019). My Mexican bretzel [Film]. Bretzel & Tequila.
- Kar-Wai, W. (Director). (2000). In the Mood for Love [Film]. Wong Kar-Wai.
- Kvataniya, L. (Director). (2023). Waltz [Film]. Stereotactic; Daddy's Film; Independent Film Project.
- Medeiros, M. (2000). Capitães de Abril [Film].
- Mendes, M. G. (Director). (2010). José e Pilar [Film]. Jumpcut; El Deseo; 02 Filmes.
- Monteiro, J. C. (Director). (1969). Sophia de Mello Breyner Andresen [Film].
- Oliveira, H. (Director). (2014). Mulheres de Abril [TV Series]. Hop!.
- Sequeira, P., & Graciano, S. (Directors). (2012). Depois do Adeus [TV Series]. SP Televisão.
- Simões, R. (Director). (1981). Bom Povo Português [Film]. VirVer
- Tornatore, G. (1988). Cinema Paradiso [Film]. Cristaldifilm; Films Ariane.
- Tornatore, G. (Director). (2021). Ennio [Film]. Piano B Produzioni; Potemkino; Fu Works; Terras; Gaga; Eurimages.
- Vasconcelos, C. (Director). (2020). A Metamorfose dos Pássaros [Film]. Primeira Idade.

Anexos

Anexo A – Artigo: “Satire, Erasure and Deadly Love: The story behind the Berlin Wall’s Fraternal Kiss



Figura 21 - Fotografia do Beijo Fraternal Socialista, “Le Baiser”, 1979, de Regis Bossu. Fotografia via Rare Historical Phottos.

<https://emilygracewalters.medium.com/satire-erasure-and-deadly-love-the-story-behind-the-berlin-walls-fraternal-kiss-6b832f949ac4>

Anexo B – Artigo: “Why Do We Kiss at Midnight on New Year’s Eve?”



Figura 22 - Bettymann. Fotografia via Getty Images.

<https://www.rd.com/article/why-do-we-kiss-at-midnight-on-new-years/>

Anexo C – Artigo: “Klimt’s Iconic “Kiss” Sparked a Sexual Revolution in Art”

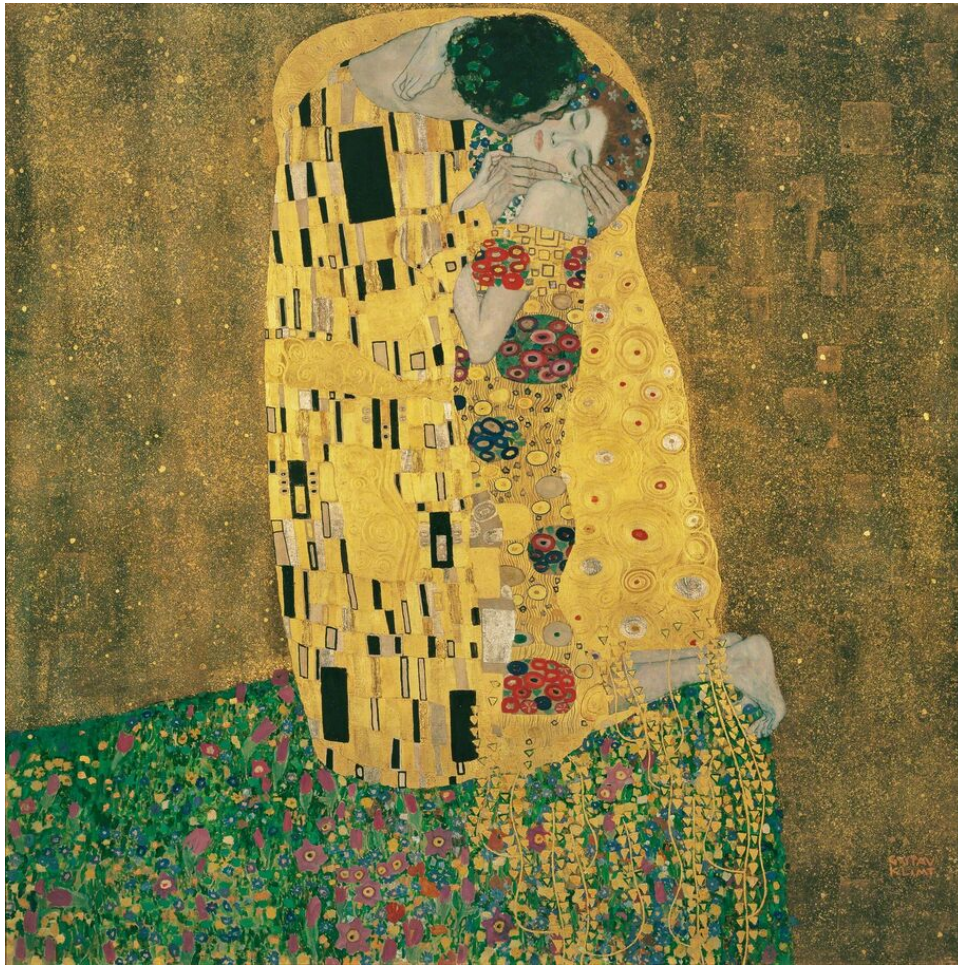


Figura 23 - Pintura, “Kiss”, 1907, de Gustav Klimt. Pintura via Belvedere Museum.

<https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-klimts-iconic-kiss-sparked-sexual-revolution-art>

Anexo D – Artigo: “Say it with a kiss! The 20 greatest smooches on film – ranked!”



Figura 24 - Joseph Schildkraut como Judas e HB Warner como Jesus no Still do filme “The King of Kings”, 1927, de Cecil B. DeMille.

https://www.theguardian.com/culture/2024/feb/08/say-it-with-a-kiss-the-20-greatest-smooches-on-film-ranked?utm_source=pocket_shared

Anexo E – Artigo: “From pecks to smooches: the five kisses that changed cinema forever”

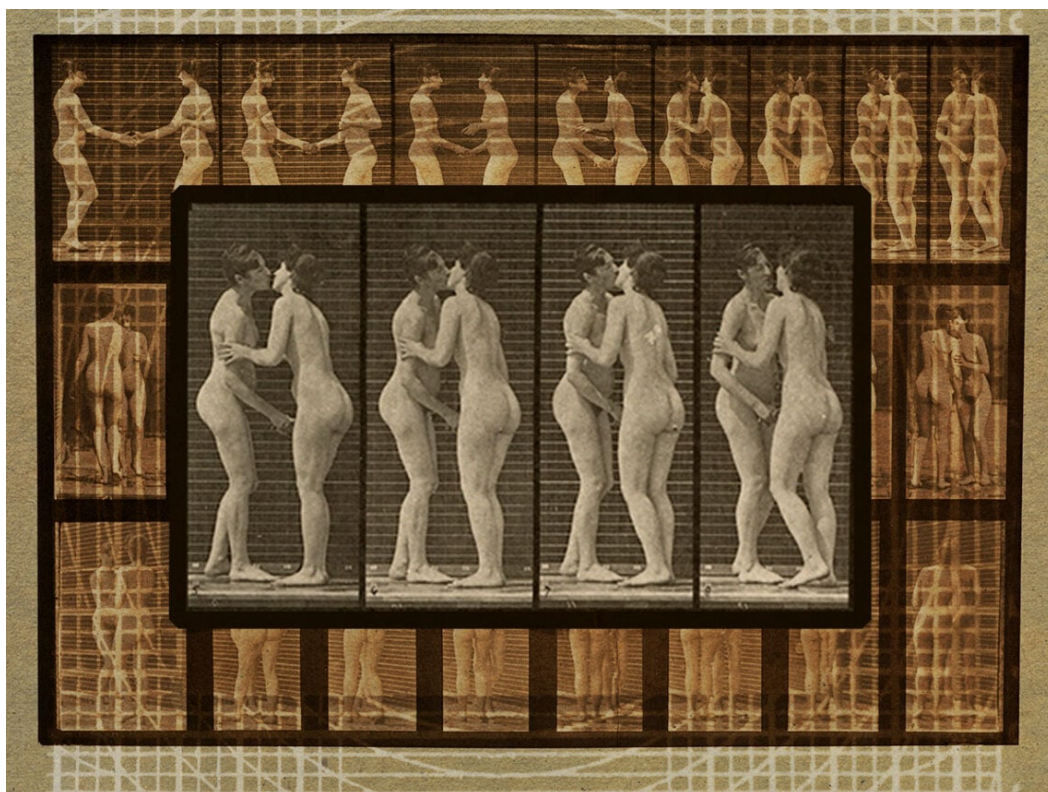


Figura 25 - Imagem, Far Out. Imagem via Boston Public Library.

<https://faroutmagazine.co.uk/five-kisses-that-changed-cinema-forever/>

Anexo F – Artigo: “The Dip, the Foot Pop, and the Selfie Smooch”



Figura 26 - Myrna Loy inclina a sua cabeça para trás para um beijo com Clack Gable no Still do filme “Manhattan Melodrama”, 1934, de W.S. Van Dyke.

<https://slate.com/culture/2016/02/how-pop-culture-kissing-has-evolved-from-silent-movies-to-today.html>

Anexo G – Stills do documentário *em silêncio, amor*.



Figura 27 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.



Figura 28 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.



Figura 29 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.



Figura 30 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.



Figura 31 - Still do filme "em silêncio, amor", 2024, de Sara Matos Cruz.

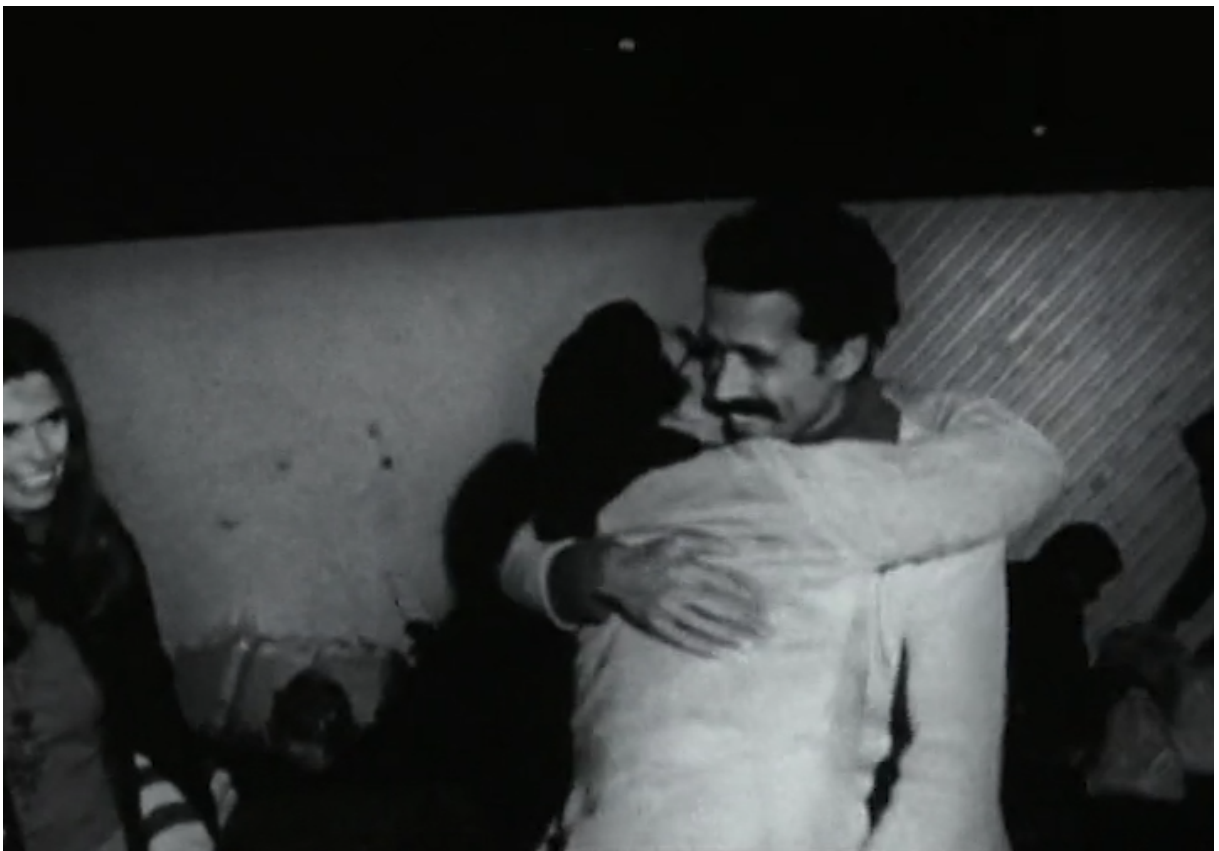


Figura 32 - Still do filme "em silêncio, amor", 2024, de Sara Matos Cruz.



Figura 33 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.



Figura 34 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.



Figura 35 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.



Figura 36 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.



Figura 37 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.



Figura 38 - Still do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.

Anexo H – Pautas da composição da banda sonora, pelo artista Alexandre Pedroso.

Em Silêncio, Amor
I. Relembrar
Alexandre Pedroso

Figura 40 - Pauta da composição da banda sonora, “Relembrar” de Alexandre Pedroso.

Em Silêncio, Amor
III. Relembrar Pt.2
Alexandre Pedroso

Figura 39 - Pauta da composição da banda sonora, “Relembrar Pt. 2”, 2024, de Alexandre Pedroso.

Em silêncio, amor
II. Voz do Beijo
Alexandre Pedroso

Figura 41 - Pauta da composição da banda sonora, “Voz do Beijo”, 2024, de Alexandre Pedroso.

Anexo I – Poster do filme *em silêncio, amor*, pelo artista Tomás Saúde com colaboração de Sara Matos Cruz.

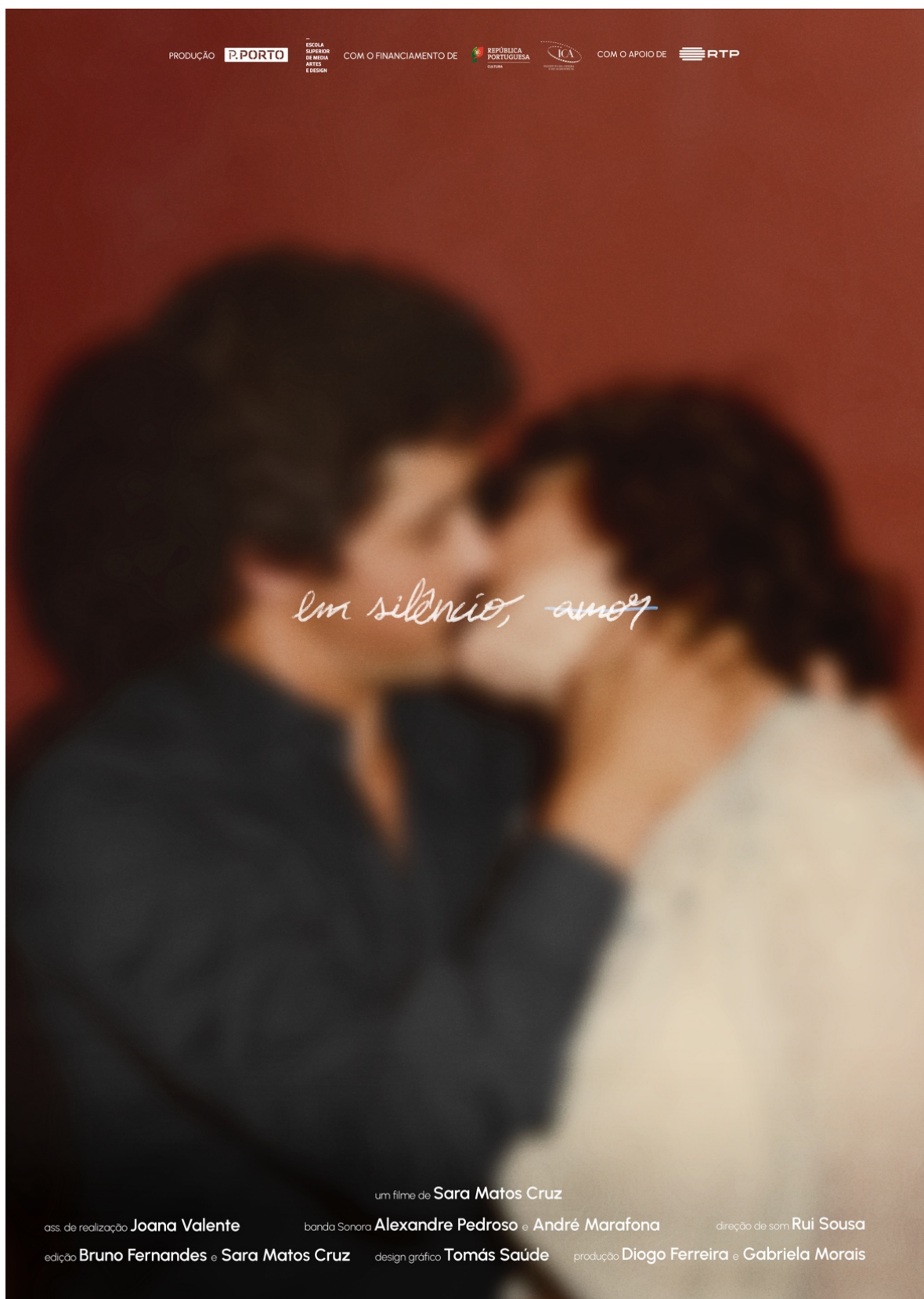


Figura 42 - Poster do filme “em silêncio, amor”, 2024, de Sara Matos Cruz.